

UMA VISÃO DECOLONIAL DA FINAL DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL

Wallace de Moraes

Doutor em Ciência Política. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF), de História Comparada (PPGHC) e do Departamento de Ciência Política, todos da UFRJ. Membro do Quilombo do IFCS/UFRJ e líder do grupo de Pesquisa CPDEL/UFRJ (Coletivo de Pesquisas Decoloniais e Libertárias).

Se alguém que não conhecesse de futebol e fosse assistir à final da Copa do Mundo, ao olhar os dois times em campo, e fosse perguntado: qual é o europeu? Certamente, apontaria o time da Argentina com a simples justificativa: todos os seus jogadores são brancos.

Dos 11 jogadores da França, que iniciaram o jogo, 5 eram brancos. Na hora dos três gols que empataram a partida para o time francês, apenas 2 eram brancos, sendo 9 negros. Portanto, mesmo os franceses contrários à presença de imigrantes em seu país foram induzidos a vibrar com os gols de Mbappé com ajuda de seus companheiros negros que dominaram a Argentina no segundo tempo e na prorrogação.

Para quem estuda a história do futebol, sabe que um dos aspectos do racismo é exatamente negar aos negros postos de comando, embora sejam excelentes jogadores. Com apenas dois brancos em campo, um deles era o capitão. O técnico, a sua comissão, e o presidente da Confederação de Futebol Francesa, também. Segundo a perspectiva decolonial, essa seria a materialização da colonialidade do saber que privilegia corpos brancos como detentores de saberes mais apurados para comandar.

Mas quais explicações para tantos negros na seleção tricolor? O colonialismo roubou toda a riqueza das Américas e da África para a Europa que virou, *a posteriori*, objeto de desejo de moradia de africanos. Durante a Revolução Francesa, influenciados pela revolução no Haiti, o país foi o primeiro a abolir a escravidão nas coloniais das Américas. Depois do advento da república, o universalismo francês aceitou imigrantes de suas coloniais, sem evitar que ocorresse racismo lá, como relatou Frantz Fanon.

Do lado da Argentina, os indígenas que habitavam o seu território foram reduzidos a quase nada. Alguns historiadores mostram que antes no séc. XIX, aproximadamente 20 a

25% da população de Buenos Aires era composta por negros que foram dizimados na guerra de independência, pois recrutados como soldados e enviados para a linha de frente do campo de batalha. Muitos aproveitaram a guerra e fugiram para o Peru ou Uruguai.²¹ Portanto, a ausência de negros e indígenas na seleção argentina se explica pelo histórico racismo institucional. Nestes termos, é o país da América Latina com o maior percentual de brancos, explicitando suas colonialidades.

Essa copa foi da Argentina, ganha por jogadores que jogam fora de seu país como exemplificação das heranças do colonialismo que lega a hegemonia financeira à Europa. Curiosamente, Messi (um gênio do futebol e mais famoso jogador da Argentina) joga regularmente na França e eventualmente no seu país de nascimento.

Ademais, a própria Copa do Mundo ocorreu em um país sob uma ditadura explícita e com condições de comprar a corrupta FIFA para garantir o evento. Há relatos de que muitos trabalhadores morreram nas construções dos seus estádios. Muitos amantes do futebol ignoram estes fatos. Essa postura não é incomum, pois os intelectuais estudados nas ciências humanas também desprezam que povos inteiros indígenas e africanos foram exterminados com o colonialismo.

Nestes termos, a vitória de uma seleção latino-americana não significou o pódio de um ou mais povos indígenas. Por outro lado, a vitória da França significaria muito mais o êxito de afrodescendentes do que de europeus propriamente. Portanto, não podemos desprezar essas colonialidades.

No próprio estádio da final, embora ocorresse em um país árabe e com quase metade dos jogadores negros em campo, praticamente apenas brancos estavam nas arquibancadas. Esse é mais um exemplo das colonialidades que proporciona quase que posse exclusiva do dinheiro no mundo para os descendentes de europeus e os proporcionam assistir em massa a jogos em uma copa do mundo em um país majoritariamente não branco. São poucos que podem pagar ingressos e viagens caros para torcer nos estádios de futebol em uma copa do mundo. Em suma, o futebol tem estado cada vez mais seletivo pelo porte de dinheiro que é um instituto quase que eurocentrado.

21 De acordo com Luciana Bonder, professora do Instituto de Genética da Universidade de Buenos Aires (UBA). Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2022/12/13/por-que-a-argentina-que-enfrenta-hoje-a-croacia-nao-tem-jogadores-negros.htm>

Apesar do colonialismo, da égide do eurocentrismo e do dinheiro que dominam o mundo, essa copa mostrou que a África e seus descendentes alcançaram muito mais do que um histórico quarto lugar com Marrocos. O futebol de Mbappé, sua artilharia do torneio, marcando três gols em uma final, aponta para alguém que certamente deu um passo fundamental para furar o racismo ao lado de negros como Pelé, Garrincha, Didi, Jairzinho e Romário na posição inesquecível de melhores de uma Copa do Mundo. Pode não parecer, mas o protagonismo negro no futebol é um bom recurso para a luta pelo fim do racismo e das colonialidades no esporte e em qualquer lugar! Assim, esperamos!

Em tempo: viva Pelé – nosso rei negro!